Acervo ISA

Documentação
3/4/99 127
414

Agilberto Lima/AE

VERDE: dos 260 hectares do novo parque ecológico, apenas 16 receberão construções. Obra é parte do Programa Guarapiranga

Parque Ecológico do Guarapiranga será inaugurado hoje

Às margens da represa, o novo parque tem capacidade para receber oito mil pessoas. Entre as atrações, quadras poliesportivas, campo de futebol e playground

A cidade de São Paulo ganha hoje mais um parque aberto à população. O Parque Ecológico do Guarapiranga, que fica às margens da represa e incorpora parte da várzea dos Rios Embu-Mirim e Piraporinha, tem capacidade para receber até 8 mil pessoas.

Com uma área 2,6 vezes maior do que a do Parque do Ibirapuera, o parque ecológico deve atender principalmente aos moradores da zona sul. Dos 260 hectares de área, apenas 16 serão de uso intensivo, com duas quadras poliesportivas, um campo de futebol, uma quadra de areia e playground. A construção do parque faz parte do Programa Guarapiranga, um convênio firmado em 92 entre a Prefeitura, o Estado e o Banco Mundial (Bird) para garantir a qualidade da água da represa. O Bird investiu no programa US$ 300 milhões. A entrega do parque é o último compromisso da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SMA) com o projeto que termina este ano.

Quando começou a ser construído, em novembro de 97, os moradores da região denunciaram o desmatamento de 26 mil m² de Mata Atlântica para a construção do estacionamento – que já está pronto e tem 400 vagas para carros e 10 para ônibus. A SMA defendeu-se explicando que replantaria 321 mudas de 63 espécies da Mata Atlântica. Outra reclamação da SOS Guarapiranga era de que um Estudo de Impacto Ambiental (Eia-Rima) seria essencial para a obra, já que traria para a região um grande fluxo de carros e pessoas. A SMA negou a necessidade de tal estudo e o parque foi erguido sem ele.

Agora, os mesmos moradores estão propondo uma co-gestão com a secretaria para gerenciar o parque. A segurança, a limpeza e a manutenção ficariam por conta da secretaria, que vai investir R$ 50 mil do dinheiro arrecadado com as multas do rodízio na vigilância da área. "Foi agressiva a forma como o parque foi feito, precisamos gerenciar as atividades para que a natureza não seja posta em risco", avaliou Maria Pia Parente, da Sociedade dos Amigos da Represa de Guarapiranga (Sarp).

A pista de acesso ao estacionamento foi duplicada para suportar o contingente de carros, mas a previsão é que nos fins de semana haja congestionamento porque o resto da estrada só tem uma pista. "Esse vai ser um ponto de diversão do pessoal do bairro", animou-se o jardineiro José Rodrigues dos Santos, morador do Jardim Ângela.

Água Limpa

Os 60 hectares de várzea são considerados um verdadeiro tesouro do parque. Segundo um estudo da Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental (Cetesb), as várzeas retêm 40% da carga poluidora difusa e impedem que ela chegue aos reservatórios. É por isso que a maior parte delas será isolada do público, mas ainda assim resta uma área que poderá ser usada para banho. "Não é recomendado, mas também não será proibido", disse Stela Goldenstein, ex-secretária do Meio Ambiente.

A Cetesb não tem pontos de monitoramento de qualidade da água na extensão do parque. O ponto mais próximo fica a cerca de 500 m, na estação de captação da Sabesp, cuja média do Índice de Qualidade da Água em 98 foi de boa a ótima.

Com a posse do novo secretário Ricardo Tripoli, algumas inovações foram incorporadas ao projeto. Será criada uma escola de vela para crianças, uma trilha de bicicletas e três campos de futebol. "Esta é a maior área do parque e ficaria sem atrativos para o público, por isso a idéia da trilha e dos campos de futebol", explicou Tripoli.

O parque fica na divisa entre a área de classe média alta e as ocupações irregulares que permeiam toda a represa. Na área de mata fechada, onde só será permitida visita monitorada, a cerca de segurança impede que o bairro Jardim Nakamura se alastre sobre o parque. Para que a função primordial do parque, que é a de manter a área preservada, seja eficiente é preciso que a segurança e o monitoramento dessa mata sejam rigorosos. Tripoli acredita que a própria população fará a fiscalização quando perceber a importância da área. "Faltam áreas de lazer na região. Por isso, eles vão cuidar bem."

Camila Garcia

Agilberto Lima/AE

Parque fica na divisa entre a região ocupada por residências de classe média e a área tomada pelas ocupações irregulares